

APROXIMAÇÕES E DISTACIAMENTOS ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM PEDAGOGIA E O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO

APPROACHES AND DISTINCTIONS BETWEEN ACADEMIC TRAINING IN PEDAGOGY AND THE NON-COMPULSORY STAGE

Fernanda Vitorino Antunes¹
Ricardo Luiz de Bittencourt²

RESUMO: Este estudo pretende analisar como as experiências vivenciadas no estágio não obrigatório se aproximam ou se distanciam dos conhecimentos construídos na formação inicial em Pedagogia? Os principais autores que embasaram esta pesquisa foram Nóvoa (1995), Tardif (2014), Pimenta (2005) e Lima e Pimenta (2004). Tomamos como objetivos específicos identificar como se forma o professor, descrever as leis que regulamentam o estágio-não obrigatório e identificar as contribuições do estágio não obrigatório para a formação dos professores. O instrumento utilizado para realizar a pesquisa foi a entrevista semiestruturada, gravada, transcrita e organizadas por blocos de análise. A pesquisa foi feita com dez acadêmicas do curso de Pedagogia que realizam estágio não obrigatório em escolas privadas e públicas da cidade de Criciúma e região. Com a pesquisa foi possível averiguar que muitas acadêmicas manifestaram desconhecimento das leis que regulamentam o estágio não obrigatório. Concluiu-se que estágio não obrigatório é uma oportunidade única de vivenciar a articulação teoria e prática, o que é essencial para a formação do professor.

PALAVRAS CHAVE: Formação de professores. Estágio. Teoria. Prática.

ABSTRACT: The problem of the research is to analyze how the experiences experienced in the non-compulsory stage approach or distance themselves from the knowledge constructed in the initial formation in Pedagogy? The main authors that supported this research were Nóvoa (1995), Tardif (2014), Pimenta (2005) and Lima and Pimenta (2004). The overall goal of the research it is to analyze how the experiences built in the non-compulsory stage approach or distance themselves from the knowledge constructed in the initial formation in pedagogy. We have as specific objectives to identify how the teacher is formed, to describe the laws that regulate the non-compulsory internship and to identify the contributions of the non-compulsory internship for the training of teachers. The instrument used to conduct the research was the semi-structured interview, recorded, transcribed and organized by analysis blocks. The research was carried out with ten undergraduate students of the Pedagogy course who undertake non-compulsory internships in private and public schools in the city of Criciúma and region. With the research it was possible to find out that many academics have

¹ Graduada em Pedagogia. nanda_nyely@hotmail.com

² Doutor em Educação. Professor do PPGE/UNESC. rlb@unesc.net

expressed ignorance of the laws that regulate the non-compulsory internship. It was concluded that non-compulsory training is a unique opportunity to experience articulation theory and practice, which is essential for teacher training.

KEYWORDS: Teacher training. stage not required. Theory. Practice.

1 INTRODUÇÃO

A elaboração desse artigo tem como objetivo conhecer em quais aspectos as práticas pedagógicas experimentadas pelas acadêmicas que fazem estágio não obrigatório em escolas do município de Criciúma e região se aproximam e/ou se distanciam dos conhecimentos construídos no curso de Pedagogia. O tema surgiu a partir de alguns relatos de experiências das colegas acadêmicas do curso de Pedagogia noturno e também pela própria experiência de quase três anos como estagiária em duas escolas de ensino privado na cidade de Criciúma/SC. Sempre refleti muito sobre essas práticas e quais as relações que elas tinham com o que eu estava aprendendo no curso de Pedagogia, e ao dividir minhas angústias e experiências com as colegas pude perceber que os relatos delas não eram diferentes dos meus. Ao conversar com as colegas sobre as leis que regulamentam o estágio pude perceber que muitas não conheciam a maioria dos seus direitos como estagiárias e reconheci que quando iniciei meu estágio não-obrigatório no primeiro semestre da faculdade também não conhecia. Por isso é de extrema importância que seja realizado este estudo ouvindo as próprias estagiárias, para que assim possamos levantar ideias para minimizar esses problemas, tornando o estágio uma extensão do ensino.

Sabemos que o professor é um dos principais pilares da nossa sociedade, e com tantos problemas políticos e sociais que estamos enfrentando nos dias atuais, é necessário estar atentos à formação do professor. Por isso é importante refletir sobre quais práticas pedagógicas estão sendo aplicadas nas salas de aula pelas professoras e qual tipo de conhecimento elas estão ensinando para as estagiárias.

No último semestre do curso de Pedagogia da Unesc estão matriculadas regularmente cerca de 36 acadêmicas, destas, 9 realizam estágio não obrigatório, um número significativo de estagiárias em escolas na cidade de Criciúma e região, e estas estão

participando ativamente no processo de ensino-aprendizagem de várias crianças, e vivenciando práticas pedagógicas que contribuem diretamente para a sua formação.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como as experiências vivenciadas no estágio não obrigatório se aproximam ou se distanciam dos conhecimentos construídos na formação inicial em Pedagogia. E os objetivos específicos são: identificar como se forma o professor, descrever as leis que regulamentam o estágio-não obrigatório e identificar as contribuições do estágio não obrigatório para a formação dos professores.

Este artigo é subdividido em sete seções, inicialmente apresenta-se a introdução, depois os processos de formação docente: saberes múltiplos, utilizando como base teórica principalmente os autores Nóvoa (1995) e Tardif (2014), a terceira seção sobre as leis que regulamentam o estágio não obrigatório e suas especificidades, utilizando como referencial teórico principalmente a Legislação brasileira, a quarta sobre as contribuições do estágio não obrigatório para a formação docente: teoria e prática, utilizando como referencial teórico as autoras Pimenta (2005) e Lima e Pimenta (2004). A quinta seção sobre a metodologia, a apresentação e análise dos dados, que foram coletados por meio de entrevista com dez acadêmicas do curso de Pedagogia do 2º semestre de 2017, que realizam estágio não obrigatório em escolas no município de Criciúma, as considerações finais e por fim as referências que embasaram o estudo.

2 OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE: SABERES MÚLTIPLOS

Ao falar sobre como se constitui a formação de professores, logo pensa-se nos cursos de licenciatura, pós-graduação, formação continuada, etc. Porém, o processo de formação do docente vai muito além disso, “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.” (NÓVOA, 1995, p. 25).

É indispensável ao professor um olhar crítico sobre suas práticas, desde a graduação na formação inicial, na formação continuada e igualmente no cotidiano da sala de aula, em todas as relações de ensino-aprendizagem e de construção da sua identidade pessoal

e profissional. Desta forma é possível uma formação de qualidade, em que o professor é capaz de auto avaliar-se e assim estar em constante construção e desconstrução do seu eu pessoal e profissional. É por meio das experiências que o professor desenvolve saberes singulares da sua profissão, “os docentes, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano [...] os quais brotam da experiência e são por ela validados.” (TARDIF, 2014, p. 39). Sendo assim, Tardif afirma que esses conhecimentos construídos nas experiências “são validados” e contribuem de forma significativa para a construção do ser docente, que esses saberes chamados também de saberes experienciais:

[...] permite ao docente desenvolver o *habitus* (isto é, certas disposições adquiridas na e pela prática real) [...] eles se manifestam, então, através de um saber-ser e de um saber-fazer pessoais e profissionais validados pelo trabalho cotidiano. (TARDIF, 2014, p. 49).

Dentro do âmbito escolar o professor tem papel fundamental na formação de seus alunos, sendo de suma importância então, a qualidade dessa formação. Em nossa sociedade atual a escola tem muitos objetivos, financeiros, organizacionais, enfim trabalhos burocráticos, e o professor dentro desta realidade deve ser independente, agente mediador do conhecimento e trabalhar com cada aluno de forma particular, respeitando suas individualidades e particularidades. O professor de acordo com Tardif e Lessard (2005, p. 109):

Como agente da organização escolar, ele deve agir de modo personalizado com os alunos. Integrado num quadro burocrático de trabalho, ele deve se comportar, ao mesmo tempo, como um profissional autônomo. [...] A escola, como todo local de trabalho, não é apenas um ambiente neutro ou acessório; sua própria estrutura ocasiona para os professores tensões que estão no âmago de sua profissão.

Essas tensões citadas acima, se manifestam no cotidiano dos professores, dentro do ambiente escolar, e elas ocorrem também no estágio não obrigatório. Desta forma, elas são parte da construção do ser docente e da sua formação, pois vivenciando essas tensões desde a formação inicial as estagiárias podem observar que o trabalho docente vai muito além de apenas situações profissionais, mas elas são também pessoais (TARDIF, LESSARD, 2005).

As acadêmicas podem aprender com o estágio não obrigatório que o trabalho do professor não se traduz em apenas completar ou exercer, mas é uma tarefa que envolve pessoas de forma integral. Tanto no contato com os professores da graduação quanto com as experiências vivenciadas nas instituições de ensino, fazem parte da construção do ser docente e da sua formação, percebe-se então a importância do estágio não obrigatório para qualificar essa construção.

Muitas acadêmicas têm no estágio não obrigatório a sua primeira experiência direta com a escola e seus profissionais. Desta forma é oportuno problematizar e entender quais as contribuições dessas experiências para a formação docente. De acordo com (TARDIF, 2014, p. 234) “É a partir e através de suas próprias experiências, tanto pessoais quanto profissionais, que constroem seus saberes, assimilam novos conhecimentos e competências e desenvolvem novas práticas e estratégias de ação. ” Portanto, sabendo a importância das contribuições dessas experiências para a formação docente faz-se necessário conhecer melhor como elas acontecem no estágio não-obrigatório a fim de verificar a qualidade dos conhecimentos construídos nessa extensão da formação acadêmica e analisar de acordo com as estagiárias entrevistadas, como esses conhecimentos contribuem para a sua formação docente.

De acordo com Nóvoa, (1995, p. 104) “No contacto com a situação prática, não só se adquirem novas teorias, esquemas e conceitos, como se aprende o próprio processo dialéctico da aprendizagem. ” Ou seja, quando as acadêmicas realizam estágio não obrigatório, elas estão em contato com situações práticas da sua futura profissão e assim estão em constante aprendizagem, articulando os conhecimentos que estão sendo construídos na teoria e na prática.

Na prática as acadêmicas que realizam estágio não obrigatório ficam em sala de aula juntamente com uma professora titular e participam de todos os momentos com a turma: higiene, alimentação, rotina, contação de histórias, enfim, estão diretamente em contato com os alunos, os professores, a direção e coordenação, pais de alunos, tendo uma melhor visão sobre sua área de atuação e podendo, desta forma, articular os conhecimentos que estão sendo construídos na formação inicial em Pedagogia e os conhecimentos que estão sendo construídos ao longo do estágio não obrigatório.

3 AS LEIS QUE REGULAMENTAM O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO E SUAS ESPECIFICIDADES

Ao falar sobre estágio não-obrigatório no curso de Pedagogia, é observado que muitas acadêmicas são estagiárias em escolas do município de Criciúma e região. Então primeiramente, as estagiárias devem conhecer as leis que o regulamentam, sendo de extrema importância para que se efetive uma formação de qualidade, já que as leis quando cumpridas, garantem essa formação para as estagiárias e criam uma verdadeira ponte entre a parte concedente e a instituição de ensino.

É necessário estudar a lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 da definição, classificação e relações de estágio. O artigo primeiro da lei diz que o estágio é um ato educativo que visa a preparação para o trabalho, e este deve ser supervisionado, determina ainda que o estágio visa a aprendizagem de aptidões próprias da atividade profissional, ou seja, do pedagogo.

Verifica-se que o estágio não obrigatório proporciona aos estudantes uma maior visão do seu futuro no âmbito de trabalho, de qual a sua tarefa, o perfil dos profissionais, qual a rotina do profissional da sua área, e principalmente relacionar a teoria estudada em sala de aula no seu curso e a prática que reserva a sua futura profissão, aqui o/a Pedagogo.

Fazendo uma leitura das leis que regulamentam os estágios muitas dúvidas relatadas pelas estagiárias seriam esclarecidas. O artigo 3º diz que o estágio não cria nenhuma relação empregatícia e também que deve haver um acordo entre as atividades que serão desenvolvidas no estágio e as previstas no termo de compromisso. este termo é uma formalização do contrato de estágio, nele contém as obrigações do estagiário, da parte concedente e da instituição de ensino é uma obrigação das instituições de ensino celebrar o termo de compromisso com o estudante e também verificar as instalações da parte da concedente para comprovar se é apropriado à formação do estudante.

A parte concedente do estágio deve proporcionar instalações que ofereçam ao estudante aprendizagem social, profissional e cultural e indicar funcionário experiente para orientar e supervisionar o estagiário, pois ao fim de cada semestre as acadêmicas fazem um relatório e avaliam o estágio, respondendo à questões que tratam das instalações, da

supervisão, dos recursos que a escola disponibiliza, etc e a instituição faz uma avaliação do estagiário, com questões sobre horários, responsabilidade, entre outras.

A carga horária de estágio deve ser conciliável com as atividades escolares e não pode ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais no caso de estágio no Ensino Superior, pois desta forma o estagiário consegue conciliar melhor as atividades acadêmicas com o estágio. Nos períodos de avaliação, ou comprovação de aprendizagem a carga horária do estágio pode ser reduzida pelo menos à metade, para que desta forma possa ser possível garantir a condição de estudar ao acadêmico. O estágio não pode exceder o período de 2 (dois) anos na mesma concedente a não ser em casos de estudantes com deficiência. É direito do estagiário sempre que o estágio durar ou ultrapassar o tempo de 1(um) ano, ter 30 (trinta) dias de recesso remunerado ou descontado em forma de bolsa de estudo. É assegurado ao estagiário a legislação relacionada à segurança e saúde no trabalho, sendo responsabilidade da concedente (BRASIL, 2008).

Quando as leis são de conhecimento tanto da escola quanto das estagiárias, o estágio não obrigatório oportuniza contribuições significativas para a formação dos professores.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: TEORIA E PRÁTICA

Quando estamos no curso de Pedagogia ou mesmo no ambiente escolar escutamos frequentemente falar das distâncias entre teoria e prática existentes na nossa profissão. Ao pesquisar o significado das palavras teoria e prática no dicionário de língua portuguesa Michaelis (2011) obtém-se os seguintes significados: Teoria é o oposto da prática, é um conhecimento que se limita a exposição ideal, independente das aplicações. Hipóteses ou opiniões sistematizadas. E prática é a realização de qualquer ideia, qualquer coisa, ou ainda experiência adquirida pela repetição dos atos. Porém, no campo da educação esses conceitos do dicionário são superficiais e não dão conta de explicar a complexidade desse assunto. De acordo com Nóvoa (1995, p. 103):

O conhecimento acadêmico, científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento dos processos de reflexão se for integrado significativamente, não em parcelas isoladas da memória semântica, mas em esquemas de pensamento mais genéricos ativados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência.

O conhecimento científico e o conhecimento prático são inerentes a formação do professor, um precisa do outro para que se efetive a aprendizagem. De acordo com Tardif, (2014 p. 235) “Aquilo que chamamos de ‘teoria’, de ‘saber’ ou de ‘conhecimentos’ só existe através de um sistema de práticas e de atores que as produzem e as assumem.” Ou seja, sem os professores como atores de seu trabalho não há teoria, pois, as práticas, experiências construídas no ambiente escolar e com todos aqueles que nele estão inseridos, fazem parte da formação do professor e na sua construção como ser docente. Por isso a importância do estágio não-obrigatório, pois ele na maioria das vezes é o primeiro contato com essas experiências.

Desta forma não há prática sem teoria e nem teoria sem prática. De acordo com Lima e Pimenta (2004, p. 37), qualquer profissão é uma técnica, pois se faz necessário a utilização de algumas estratégias para executar determinadas ações. Com o professor não é diferente, porém as técnicas não são suficientes para a resolução das problemáticas enfrentadas diariamente em sala de aula, pois de acordo com Tardif (2014, p. 13):

Contrariamente ao operário de uma indústria, o professor não trabalha apenas um ‘objeto’, ele trabalha com sujeitos e em função de um projeto; transformar os alunos, educa-los e instruí-los. Ensinar é agir com outros seres humanos; é saber agir com outros seres humanos que sabem que lhes ensino; é saber que ensino a outros seres humanos que sabem que sou um professor, etc.

Certamente não existe teoria ou prática e sim teoria e prática, o papel da teoria “é iluminar, dar embasamento para investigar e questionar as práticas e as ações e ao mesmo tempo questionar as próprias teorias já que elas são explicações provisórias da realidade.” (LIMA, PIMENTA, 2004, p. 43).

O estágio não obrigatório tem por responsabilidade justamente proporcionar, tanto aos alunos quanto aos professores e às instituições de ensino, a ruptura desse discurso de distanciamento entre teoria e prática. Ao contrário, ele deve ter subsídios que ofereçam ao

educando esta articulação teoria e prática e não reforçar o distanciamento entre as duas. No curso de Pedagogia os acadêmicos têm acesso aos vários tipos de conhecimentos que embasam o seu trabalho como futuro docente. Na grade curricular encontram-se disciplinas teóricas, práticas e disciplinas que mesclam a teoria e a prática. Desta forma há uma articulação entre estágio não obrigatório e as disciplinas cursadas na graduação. A formação docente é construída por saberes diversos. De acordo com Tardif (2014, p. 262):

Em primeiro lugar, eles provêm de diversas fontes. Em seu trabalho, um professor se serve de cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional [...].

Desta forma, no estágio não obrigatório viabiliza essas relações entre os conteúdos estudados no curso de Pedagogia e esses outros saberes. Em virtude da importância do estágio não obrigatório para a construção dessas experiências e a qualidade delas, faz-se necessário que estas instituições que acolhem o estagiário sejam ambientes que proporcionem experiências significativas. De acordo com Tardif:

A prática cotidiana da profissão não favorece apenas o desenvolvimento de certezas 'experienciais', mas permite também uma avaliação dos outros saberes, através de sua retradução. [...]. Os professores não rejeitam os outros saberes totalmente, pelo contrário, eles o incorporam à sua prática. (TARDIF, 2014, p. 53).

E é exatamente essa retradução que deve acontecer no estágio não obrigatório, em que as acadêmicas não apenas possam aprender através das experiências, mas que reflitam seus saberes já construídos e se auto avaliem, e assim incorporem todos esses saberes às suas práticas.

5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa é de natureza básica, e quanto aos objetivos ela é exploratória. Pesquisas nesse nível tem o propósito de desenvolver ideias para posteriormente prover hipóteses em circunstâncias de serem testadas em estudos futuros (GIL, 2002).

A pesquisa foi desenvolvida para melhor compreensão sobre o que é o estágio não obrigatório e quais as contribuições do mesmo na visão das acadêmicas que realizam esta Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

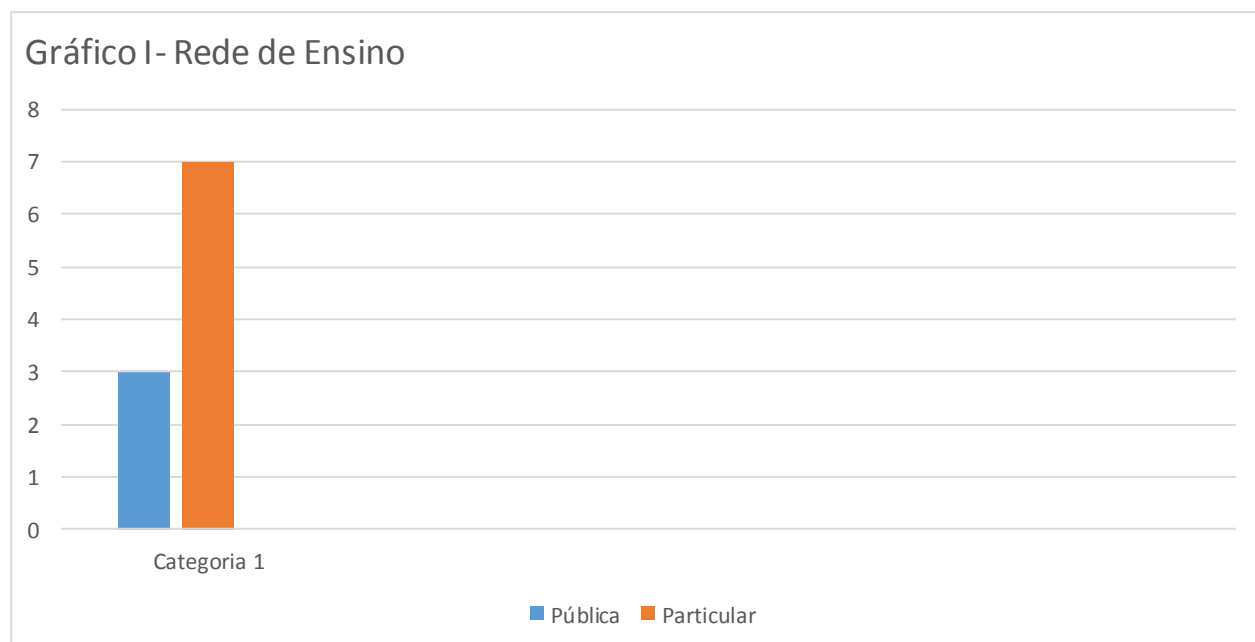
modalidade de estágio em escolas da cidade de Criciúma e região, problematizando a relação teoria e prática. Será realizado por meio de um estudo de campo juntamente com revisão bibliográfica, para que desta forma seja possível um melhor entendimento dos dados coletados.

Tem-se como sujeitos da pesquisa dez acadêmicas de diferentes fases do curso, que realizam estágio não obrigatório em escolas da cidade de Criciúma e região, citarei elas aqui como E1, E2 até E10. Fiz o primeiro contato com as acadêmicas em sala de aula, durante os intervalos ou antes do início de cada aula. O instrumento de pesquisa foi entrevista semiestruturada, o que de acordo com Pinheiro (2010, p. 21) “[...] há uma variação entre perguntas fechadas e perguntas abertas.” A entrevista com perguntas abertas proporciona um diálogo entre entrevistador e entrevistado, conseqüentemente enriquecendo de forma significativa os dados coletados e análise dos mesmos.

Agendei as entrevistas e as concluí durante o mês de setembro. A entrevista foi gravada com o auxílio de dispositivo móvel e posteriormente transcrita para uma melhor análise dos dados coletados. A transcrição das entrevistas gerou um arquivo de dezesseis páginas, durante a leitura das mesmas criamos três blocos de análise, no primeiro bloco abordamos os sujeitos da pesquisa, no segundo bloco a formação dos professores na perspectiva das entrevistadas e no terceiro as contribuições do estágio não obrigatório.

5.1 Sujeitos da pesquisa

Todas as entrevistadas são do sexo feminino, nos remetendo assim a feminização do magistério, pois o cuidar e o educar são indissociáveis e esse cuidar é muito atribuído à figura feminina, por isso nos cursos de licenciatura a grande parte do público é feminino. Para compreender melhor o público alvo da pesquisa, de acordo com a rede de ensino, segue o gráfico:



Fonte: Dados de pesquisa- 2017

Sendo assim, das dez acadêmicas entrevistadas, sete realizam estágio em escolas da rede particular de ensino e três da rede pública. Quanto ao semestre do curso que estão matriculadas, as acadêmicas E1, E3, E4, E5, E6, E7, E8 e E9 estão cursando a 8ª fase do curso de Pedagogia, ou seja, estão no último semestre da graduação. A estagiária E2 é irregular e está matriculada em disciplinas da 6ª e 8ª fases, e a estagiária E10 está na 7ª fase do curso.

5.2 A formação dos professores na perspectiva das entrevistadas

Neste bloco pretende-se verificar como ocorre a formação dos professores de acordo com as falas das entrevistadas. Elas falaram sobre como se constrói a formação dos professores de acordo com suas experiências no estágio não obrigatório, no estágio obrigatório e na graduação em Pedagogia. Quanto a formação dos professores na perspectiva das entrevistadas, oito responderam que a formação ocorre com a teoria estudada no curso de Pedagogia e com a prática construída nas experiências em sala de aula. Destaca-se as seguintes falas:

E3 - Além da teoria em sala de aula que a gente aprende no curso, acredito que o professor se forma na sua prática pedagógica, nas suas relações na sala de aula, na escola, com as colegas.

E4 - Acredito que com a teoria e a prática, na minha formação os quatro anos sempre trabalhei na escola, e a gente vê a diferença das que tem só a teoria, e quando a gente tem a teoria e já leva para a prática e vê a realidade isso reflete muito na formação.

E5 - o professor ele se forma a partir dos conhecimentos que ele vê na graduação desde a 1ª fase, em formação continuada e também nas experiências em sala de aula.

A fala das estagiárias vai ao encontro com a fala de Tardif (2014, p. 36) onde afirma que: “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. ” Duas outras entrevistadas E6 e E9, destacam em suas falas que o processo de formação docente deve ser algo contínuo.

E9 - O processo de formação é contínuo, a gente nunca está cem por cento pronto, o professor tem que estar pesquisando, fazendo formação continuada, se especializando e mesmo após a formação ou pós-graduação, acho que cursos e as formações continuadas são muito importantes.

E6 - Eu acho que a formação do professor ela deve ser um processo contínuo, porque por mais que o professor ele termine a sua graduação ele deve estar sempre se aperfeiçoando, fazendo cursos de formação continuada, sempre inovando.

Essas falas vão de encontro com a de Lima e Pimenta (2004, p. 130):

A dinâmica de formação contínua pressupõe um movimento dialético, de criação constante do conhecimento, do novo, a partir da superação (negação e incorporação) do já conhecido. Além do mais, permite que se leva em conta a vasta gama de experiências que o professor vivenciou e vivencia historicamente em seu cotidiano.

Com as falas das entrevistadas conseguimos perceber o quanto os dois pontos levantados são igualmente importantes para a formação docente, tanto a articulação entre a teoria e a prática, quanto a formação continuada. No decorrer da entrevista todas as acadêmicas citaram alguns aspectos em que as práticas vivenciadas no estágio não obrigatório se articulam com os conhecimentos teóricos construídos na formação inicial em Pedagogia, destacando-se as seguintes falas:

E1 - Primeiro eu acredito que teoria e prática andam juntas, uma precisa da outra e eu acredito que em vários momentos o que tu aprendes na teoria, como ensinar as

crianças, nas brincadeiras, na Educação Infantil, o brincar, várias coisas que aprendemos na teoria usamos na prática.

E3 - Se fala que é preciso primeiro fazer um diagnóstico para saber o que teu aluno já tem de conhecimento prévio, para depois estar aplicando um novo ensino, isso se aproxima e também na questão de que cada criança tem o seu tempo para aprender.

E9 - Então, a gente sabe que é bem diferente prática e teoria, mas o que se aproxima bastante é ali no desenvolvimento que a gente está sempre estimulando as crianças, no brincar, que fala muito no curso de Pedagogia sobre a importância do brincar, que a gente tem que estimular bastante, então isso para mim se aproxima teoria e prática, coordenação motora, enfim essas coisas.

As estagiárias E1 e E3 citam então quando as práticas se aproximam, porém, na fala da E9 fica explícito que para ela a teoria e a prática são separadas e muito distintas. Em contrapartida, de acordo com Pimenta (2005 p. 69) “Teoria e prática são indissociáveis. A prática (a análise teórica da prática) é o ponto de partida e de chegada.”

Quando falamos em quais aspectos essas práticas se distanciam, surgiram na fala das estagiárias vários pontos distintos. A E2 e a E6 destacam situações em que parte dos professores titulares da turma a iniciativa de mediar esse conhecimento entre estagiária e sala de aula, quando isso não ocorre há um distanciamento.

E2 - Quando o professor te prende, e diz: ‘Tu quem vai fazer isso para mim’, de forma assistencialista. Por exemplo, na troca de fraldas, sendo que temos que ter esse olhar do cuidado também, então essa é uma tarefa para os dois, professor e estagiário.

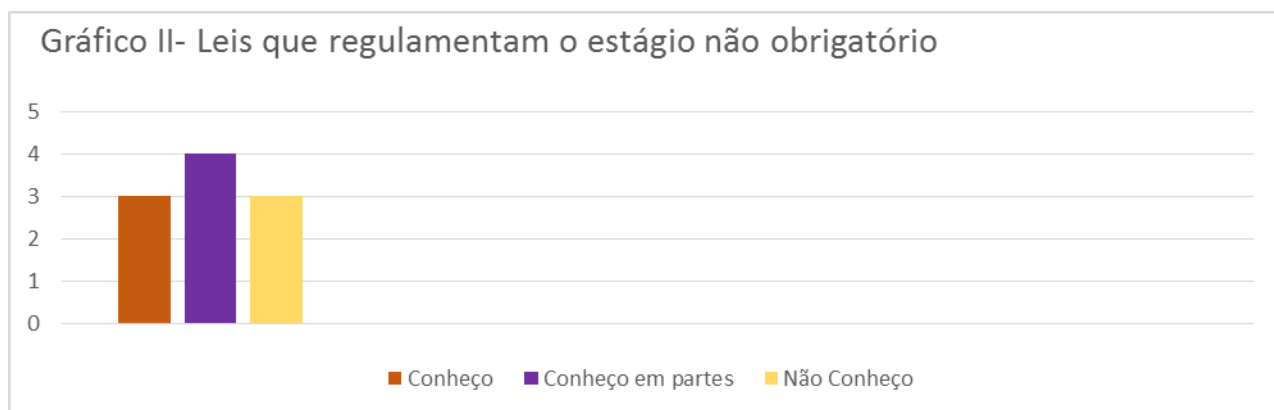
E6 - Essas práticas se distanciam quando a professora ela separa o cuidar e o educar, o que acontece na maioria das vezes, a professora fica com o educar e a estagiária fica com o cuidar, então ela não abre esse espaço para a estagiária poder ter essa experiência de participar.”

As falas das entrevistadas estão de acordo com Lima e Pimenta (2004, p. 37) que dizem que “A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática.” Percebe-se também em suas falas que há uma hierarquia dentro da sala de aula, a professora está no topo e as estagiárias estão na base, o que causa uma separação do cuidar e o educar conseqüentemente, como se fossem dissociáveis, porém durante o curso de Pedagogia aprendemos que o cuidar e o educar são indissociáveis ao processo educativo, na troca de fraldas, a professora pode estar cantando uma música para a criança, contando uma história, conversando, estimulando e esse também é um ato de educar.

De acordo com as acadêmicas entrevistadas, percebemos que o professor se forma através de conhecimentos construídos na graduação em Pedagogia e também os conhecimentos práticos, que são na verdade uma investigação teórica da prática. (PIMENTA, 2005). E que quando as estagiárias falam sobre essa formação, e sobre as aproximações e distanciamentos percebidos por elas no estágio não obrigatório, elas estão exatamente fazendo essa reflexão prática da teoria.

5.3 As contribuições do estágio não obrigatório

Para aprofundar ainda mais a pesquisa no que diz respeito às contribuições do estágio não obrigatório, primeiramente questionamos as entrevistadas se elas conheciam as leis que regulamentam o estágio não obrigatório, e então obtemos três tipos de respostas, representadas para uma melhor compreensão no gráfico abaixo:



Fonte: Dados de pesquisa- 2017.

Pode-se observar então, que muitas acadêmicas não conhecem todas as leis que regulamentam o estágio não obrigatório, o que prejudica que ele se efetive de forma a garantir todos os direitos e deveres do estagiário. Por isso, quando questionadas se essas leis colaboram para a qualificação da formação, as acadêmicas E1, E3 e E9 não souberam responder a questão por não conhecerem as leis, as outras responderam, destacando-se as seguintes falas:

E6 - Algumas leis favorecem o estagiário outras não.

E4 - “Essas seis colaboram quando são aplicadas, mas as vezes não são. Por exemplo o estágio é 6 horas diárias, mas quando a diretora/coordenadora precisa a gente trabalha o dia inteiro, dia de provas a gente não sai mais cedo. As vezes as leis não são aplicadas, se a coordenação precisa, eles pedem.

O estágio não obrigatório é uma grande oportunidade de construir conhecimentos importantes para a formação do professor. Por isso, quando questionadas sobre como o estágio não obrigatório contribui para a sua constituição como ser docente, todas as acadêmicas afirmaram que o estágio contribui de maneira positiva.

E2 - O estágio não obrigatório ele serve porque tu já tens um conhecimento de estar em sala de aula, vivencia as práticas diárias.

E4 - Para mim o estágio ele tem grande importância, porque desde o meu primeiro ano de faculdade eu fui estagiária e agora na 8ª fase eu ainda sou estagiária e toda a experiência que eu tenho em sala de aula é através do estágio não obrigatório, então tudo que eu aprendi foi no estágio.

E5 - Bom eu acho que contribui pelo fato de que além de tu ter o conhecimento da teoria você já tem um contato com as vivências e a experiências práticas do cotidiano escolar, então isso faz com que você como docente ao ingressar no contexto escolar você já tem uma bagagem né além das teóricas, mas também práticas.

E7 - Bom, o estágio para mim ele foi a porta de entrada para minha decisão se eu ia ou não querer ser professora, é a partir do estágio que a gente decide se realmente é isso que a gente quer.

E6 - Bom eu acho que contribui pelo fato de que, além de você ter o conhecimento da teoria, você já tem um contato com as vivências e as experiências práticas do cotidiano escolar, então isso faz com que você, como docente, ao ingressar no contexto escolar já tenha uma bagagem, além das teóricas, mas também práticas.

Muitas das entrevistadas relataram que essa contribuição se dá pelo período de tempo que realizam o estágio não obrigatório, e essa questão vai de acordo com Tardif (2014, p. 58): “Em suma, pode-se dizer que os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação. ” E ainda que “a temporalidade estruturou, portanto, a memorização de experiências educativas marcantes para a construção do Eu profissional, e constitui o meio privilegiado de chegar a isso. ” (TARDIF, 2014 p. 67).

Na fala da E7 fica explícito a importância do estágio não obrigatório para as acadêmicas, e para a sua constituição como futuras professoras, apesar de relatarem algumas problemáticas elas não abrem mão de ter essa experiência. Ouvindo as estagiárias foi possível

perceber que ainda há algumas problemáticas em relação ao estágio não obrigatório, desta forma elas foram convidadas a darem sugestões para melhorá-lo. As sugestões foram muito pessoais, de acordo com a realidade em que cada uma está inserida, mas a questão da valorização foi uma fala pertinente.

E1 - A remuneração, a oportunidade de crescimento após o término do contrato, a valorização.

E3 - A questão da valorização. Quando tu és estagiário por mais que tu tenhas uma função quase que de um professor tu nunca recebe essa valorização, nem em dinheiro e nem em reconhecimento, isso não existe.

E8 – eu acho que o estagiário ainda é muito desvalorizado, a gente ganha muito pouco e em muitos dos casos a gente trabalha muito, eu já trabalhei em escola que eu trabalhava mais do que professor e isso é até triste de falar, mas é verdade.

É muito importante ouvir as próprias estagiárias falarem das melhorias que devem ocorrer no estágio não obrigatório, pois são elas que estão inseridas como estagiárias no ambiente escolar, e elas tem o direito de acima de tudo, aprender. Porém muitas parecem querer que a graduação em Pedagogia seja a única formação, e que ela consiga dar conta de todo o complexo processo educativo, mas de acordo com Nóvoa, (1992, p. 55) “Nesta perspectiva não se deve pretender que a formação inicial ofereça produtos acabados, encarando-a antes como a primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional. ”

Para compreender melhor as especificidades do estágio não obrigatório e porque ele é tão importante para a formação do professor, as acadêmicas foram questionadas sobre quais as diferenças entre o estágio não obrigatório e o obrigatório para a formação.

E1- Eu acredito que o estágio obrigatório, como são poucos dias de observação e atuação, tu não consegues ver realmente a realidade, do que é a sala de aula, uma turma, do que é necessário, as metodologias. Eu acredito que o estágio não obrigatório é uma oportunidade para os acadêmicos em formação, pois tu vais estar em sala de aula todos os dias, vivenciando experiências, momentos de aprendizagem, vai estar unindo teoria e prática.

E3 - No estágio obrigatório a gente não tem muito tempo de observação, o que dificulta, pelo pouco tempo que temos de estar observando, fazendo assim um diagnóstico para depois estar aplicando algum conteúdo. É bom por um lado na questão de tu ter domínio com a sala, é tu que está ali aplicando o conteúdo ...E o não obrigatório ele facilita por esse lado, por tu estar conhecendo a turma mesmo, cada criança no dia a dia dela, como ela se relaciona com as outras, como tu vai estar trabalhando com ela e tem a professora titular para te guiar.

Finalmente, os dois estágios são importantes para a formação docente, cada um com suas especificidades, porém neste artigo destacamos o estágio não obrigatório por ele fazer parte da realidade de muitas acadêmicas e também por contribuir para a qualificação do estágio obrigatório, pois as acadêmicas que realizam estágio não obrigatório antes do obrigatório se sentem mais preparadas. Destaca-se assim a fala da E4:

E4 - Quando fiz o estágio obrigatório na educação infantil eu não tinha experiência com essa idade e foi muito difícil, hoje se eu fizesse o meu estágio obrigatório tendo essa experiência que tenho com o estágio não obrigatório faria tudo completamente diferente.

Por isso, é importante que ele se efetive de maneira a proporcionar às estagiárias esses outros tipos de saberes, que são uma característica da formação do professor, e que podem qualificar o ensino da Universidade.

6 CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi verificar em quais situações os conhecimentos construídos no estágio não obrigatório se aproximam ou se distanciam dos conhecimentos construídos ao longo da formação inicial em Pedagogia. Desta forma, analisamos que os conhecimentos se aproximam quando consegue-se ter um olhar integral sobre a formação, ou seja, o professor se forma com os conhecimentos construídos durante a graduação, com a reflexão prática sobre a teoria e também com as formações continuadas, cursos, enfim, como um processo contínuo. E elas se distanciam quando não há esse pensamento de formação integral, de teoria e prática e sim de teoria ou prática.

Os objetivos específicos também foram alcançados, pois conseguimos identificar como se forma o professor, descrever as leis que regulamentam o estágio não obrigatório e identificamos através das falas das entrevistadas as contribuições do estágio não obrigatório para a formação dos professores.

Quando abordamos as leis que regulamentam o estágio não obrigatório, percebeu-se que ainda há pouca informação e conhecimento por parte das acadêmicas e também por parte das instituições de ensino. As acadêmicas podem procurar se informar melhor sobre o Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018.– Curso de Pedagogia– UNESC

estágio, sobre seus direitos, qual o verdadeiro papel do estágio não obrigatório, que é uma extensão do ensino. E a escola que recebe essas estagiárias devem preparar todos os profissionais, principalmente os professores titulares de turma para que eles garantam o aprendizado ao estagiário.

Durante as entrevistas e, posteriormente, com a análise das mesmas, foi possível perceber que o estágio não obrigatório contribui de forma muito significativa para a constituição dessas estagiárias como docente. Diferentemente do estágio obrigatório que tem um tempo determinado curto para a atuação, o estágio não obrigatório pode ter duração de até dois anos na mesma instituição de ensino, proporcionando aos acadêmicos uma rica experiência, iniciar o ano em uma turma, conseguir participar ativamente de todas as aprendizagens, perceber o desenvolvimento dessa turma ao longo do ano letivo é o que o estágio não obrigatório oportuniza. Estar em contato com outros professores diariamente, observando, auxiliando, conversando com os pais de alunos, a direção, e principalmente com os alunos é o que faz o estágio não obrigatório ser tão importante para a formação docente.

7 REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Definição, classificação e relações de Estágio.** Lei número 11.788, 25 de setembro de 2008.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm
Acesso: 22 de outubro de 2017

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm
Acesso: 22 de outubro de 2017

GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo; MARTINELLI, Creud pereira Santos; NEIVA, Edméa Garcia.

Michaelis: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

LESSARD, Claude; TARDIF, Maurice. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LIMA, Maria Socorro Lucena, PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom quixote, 1995.

PIMENTA, Selma garrido. **O estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática? 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao tcc:** Uma abordagem para os cursos de tecnologia. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2010. 161 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.